

Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas

Luís Jorge Gonçalves

É uma revista que procura explorar o universo dos Santuários em toda a sua pluralidade sagrada e humana. Santuário, na língua portuguesa do latim *sanctuarium*, de *sanctus*, nas línguas latinas e no inglês (*Santuario* em italiano e castelhano, *Santuari* em catalão, *Santuaire* em francês e *Sanctuary* em inglês) incorpora a mesma origem e significado: lugar sagrado.

Quando começaram estes lugares sagrados? No Paleolítico Superior temos as primeiras evidências de santuários, como os definiu André Leroi-Gourhan algumas grutas como lugares de santuário. A geografia de arte rupestre que hoje conhecemos por todo o planeta, onde chegou o homem, parece indicar a existência desses espaços, em que as artes se associavam às singularidades geográficas, como elevações, montes ou montanhas, cursos de água e vales, grutas e abrigos, entre outros espaços. A emergência da agricultura e das sociedades complexas levou o homem à construção de estruturas que se tornaram espaços centrais de devoção, em aglomerados urbanos e em lugares naturais. Construíram-se grandes infra-estruturas, mas também se veneraram pequenos locais.

Podemos afirmar que o santuário é comum a toda a humanidade, independentemente da religião ou do posicionalmente religioso. Cada cultura, cada sociedade constrói os seus santuários, porque reflectem as preocupações humanas em cada momento. O Santuário é a diversidade da humanidade. Hoje o conceito de santuário utiliza-se numa pluralidade de situações e de espaços espelhando a complexidade e heterogeneidade desta fase da história humana, onde a globalização através da tecnologia da informação nos tornou mais próximos, mas onde não deixamos de querer conhecer os nossos santuários mais próximos, que nos ligam a raízes locais.

Os Santuários são objectivos a alcançar, vencendo limites geográficos físicos e psicológicos. São desafios, mas também simbolizam o encontro com o que se considera sagrado, único.

Ao se iniciar o projecto da revista “Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas”, partiu-se da realidade concreta do Santuário dedicado ao Endovélico. Tratou-se de um importante santuário da época romana que significou a união de duas culturas, a indígena, pré-romana e a romana. O Endovélico funcionou como lugar de encontro, durante cerca de cinco séculos, onde fieis deixaram os seus *ex-votos*, num registo muito singular de histórias de vida e de devoção. As mudanças religiosas foram apagando a devoção, remetendo para o esquecimento, aquele que foi um dos maiores santuários da época romana na Península Ibérica. Hoje é um espaço arqueológico no concelho do Alandroal. Por isso se propôs que com a revista se organizasse o I Congresso Internacional, “Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas”. Procurou-se que este congresso fosse, em primeiro lugar, aberto à heterogeneidade deste conceito. Do ponto de vista conceptual ultrapassou-se a fronteira do lugar sagrado, no sentido restrito, para entrarmos no lugar sagrado, no sentido lato.

O Lugar Sagrado é hoje um espaço de valores civilizacionais. O ambiente, a arte, a tecnologia, a

religião (no sentido estrito), o nacionalismo, o universalismo, a cultura, o multiculturalismo, a alimentação (com todas as suas variáveis), são causas que nos mobilizam e que têm os seus santuários. Significa o que há de mais sublime, espaço simbólico, de devoção, de culto.

Ao se propor Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas, olha-se para a imensa diversidade destes espaços. Numa visão restrita de Santuários, como espaços centrais religiosos, de devoção, pela ocorrência de um milagre, de uma aparição ou pela existência de relíquias, tornam-se lugar de encontro cultural, de diferentes proveniências. Os santuários são espaços artísticos de grande investimento por parte das comunidades humanas, desde o paleolítico superior e que continuaram em todas as épocas, quer pelo lado da cultura popular e como da erudita com áreas urbanizadas, dotados de estruturas arquitectónicas, com forte presença da pintura, da escultura e de outras artes. Os santuários são ainda espaços de Romarias, onde a festa é um fenómeno social total, com a música, a dança, a comida e as roupas a protagonizarem a dimensão popular na vivência dos santuários. Existe também a dimensão do santuário como espaço de Peregrinação em que o ritual religioso constitui a essência do santuário, o caminho e o sacrifício, as celebrações litúrgicas, a procissão e a bênção. Outra dimensão é o próprio espaço dos santuários, as suas Paisagens naturais envolventes, com geologias marcantes e singulares. Nos nossos dias os santuários naturais são centros singulares na geologia e biologia. Finalmente, os santuários como pontos de Pessoas, de diferentes origens sociais, territoriais, cada uma com a sua história pessoal que se motiva para o encontro com aquele lugar, onde o Sagrado está presente.

Os números 1 e 2 da Revista "Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas", reflectem a grande diversidade de leituras dos santuários. Trata-se de um espaço de reunião entre culturas e especialistas de diferentes países, sendo que existe no presente número um encontro entre investigadores de Portugal, Brasil, Espanha, Itália e Canadá. Abordam-se santuários artísticos, mas também santuários indianos, do período da pré-história e do paganismo pré-romano e romano, como é o caso do santuário do Endovélico, do cristianismo, desde as suas origens às atuais raízes populares, da imensa riqueza religiosa do Brasil, onde naturalmente se incluem das culturas indígenas.

As imagens escolhidas para a capa, contracapa e ante rosto, têm uma narrativa associada. No primeiro volume na capa temos a ilustração da imagem do deus Endovélico, com uma epígrafe do seu nome e na contracapa uma ara que constituiu um ex-voto, enquanto no ante rosto está a estátua Prima Porta de Augusto, porque nos dois mil anos da sua morte deve-se esta síntese em romanos e indígenas nas atuais terras do Alandroal. Hoje é um antigo santuário sem devoção. No segundo volume temos na capa uma escultura do Padre Cícero, que em Juazeiro do Norte, no Ceará criou um grande santuário, hoje objecto de imensas romarias que levam peregrinos de todo o Brasil. Na contracapa um pano bordado, pela *mes-tra Griô* Dona Franca (Francisca Mendes Marcelino), intitulado *O Horto*, onde se narra como o Padre Cícero estabeleceu os espaços sagrados deste santuário. No ante rosto, a ilustração da estátua do Padre Cícero, com 27 metros de altura e que domina a cidade de Juazeiro do Norte.

No santuário do Endovélico tivemos todos estes elementos, num período correspondente aos séculos I e V d.C. Foi o resultado da política de Augusto de colonizar os territórios do império romano e, ao mesmo tempo, de romanizar e promover a aproximação entre populações de origem romana e indígena. Por isso neste ano que se comemoram os dois anos da morte de Augusto, a 19 de Agosto, não se podia deixar de assinar essa data, porque Augusto é uma das personalidades que está na base da cultura dos povos, cujo idioma mantém uma origem latina. Ao princeps Augusto devemos juntar outra figura que nasceu durante o período do seu governo, Jesus Cristo, para olharmos para essa época tão longínqua, como a base da nossa cultura quotidiana.

O santuário do Endovélico, fruto de grande devoção durante cinco séculos, foi também cristianizado, recebendo o nome de S. Miguel da Mota, mas o tempo retirou-o dos centros de culto a favor de outros, mesmo na região. Hoje, procura-se que seja um lugar lembrado, que nos leve a evocar este conceito tão rico para a humanidade que é de Santuário. Também nas proximidades do Santuário ao Endovélico, o Rio Guadiana funcionou como espaço de santuário em tempos mais antigos, na pré-história, Neolítico e períodos subsequentes, como o provam as gravuras nas rochas das margens daquele rio. Também a Rocha da Mina, nas margens de um afluente do Rio Guadiana, o Rio Luceférit, deve ter funcionado como espaço de devoção, cujos contornos nos escapam.

No Alandroal estavam reunidas as condições para se realizar o I Congresso Internacional, Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas, porque reúne espaços de santuários antigos de diferentes épocas que hoje são santuários naturais de grande beleza. Alandroal é ainda uma vila acolhedora, bem alentejana, onde as pedras reflectem a história intensa deste lugar e as pessoas são acolhedoras. Faz parte de um Portugal, longe dos grandes centros que é preciso conhecer.

Alandroal foi fundado em 1298 por D. Lourenço Afonso, Mestre de Avis, e, em 1486, recebeu foral atribuída por D. João II, com o objectivo de fomentar o povoamento da região de fronteira. Nas terras deste concelho crescem aloendros, ou alandros, cuja madeira é usada no artesanato local, e daí a origem do topónimo. Como acontecimento de destaque, merece referência a explosão de um armazém de pólvora, ocorrida a 14 de janeiro de 1659, que causou vários mortos, na generalidade estudantes universitários de Évora, capitaneados pelo jesuíta Pe. Francisco Soares, e que estavam a substituir o exército que lutava pela vitória na Batalha das Linhas de Elvas.

No que se refere ao património histórico e monumental, salienta-se o Castelo de Alandroal, onde se destacam a porta flanqueada por torres e um arco em ferradura, de mármore da região; o Castelo de Terena, formado por recinto amuralhado, com cubelos, torre de menagem e duas portas, uma flanqueada por torres; e a Fortaleza de Juromenha, cujas obras abaluartadas foram construídas durante a Guerra da Restauração e fizeram descer as linhas defensivas até uma relativa proximidade do rio Guadiana, sendo uma linha fronteira natural. Das ruínas existentes destacam-se a antiga Câmara e a Casa do Senado.

O Santuário de Nossa Senhora da Assunção da Boa Nova tem um significado patriótico e religioso. Em 1340 os Mouros invadiram a Andaluzia, e a rainha, mulher de Afonso XI de Castela, mandou ali construir a actual igreja, pela ajuda que o rei prestou ao genro Afonso IV, na batalha do Salado. É um templo gótico do século XIV, ameado e com matacões. Está classificado como monumento nacional. Existe ainda uma ocupação pré-histórica muito rica em que se evidenciam os monumentos megalíticos. No concelho do Alandroal, próximo do Rio Guadiana encontra-se um singular povoado do Neolítico, por ter correspondido a um centro de produção de Placas de Xisto, um artefacto artístico utilizado em rituais funerários (segundo os dados que se dispõe) do Neolítico/Calcolítico (IV-III milénio a.C.).

É num Alandroal acolhedor, com o calor quente do Alentejo que se procura o encontro sobre santuários. A Revista “Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas”, com a continuação, pretende ser um espaço de encontro de diferentes formas de observar o “lugar sagrado”.